

**ENTRE AS 13 RAZÕES E OS 50 DESAFIOS:
UM RESUMO ANALÍTICO DA SÉRIE THIRTEEN REASONS WHY E DOS
DESDOBRAMENTOS DO CHAMADO JOGO DA BALEIA AZUL**

Bruno de Oliveira
brunopsi.ro@gmail.com
Psicólogo do Plenus Colégio e Curso

Oi, sou eu. Hannah. Hannah Backer. Se acomode, porque estou prestes a te contar a história da minha vida. Mais especificamente, como ela acabou. E se você está ouvindo essas fitas, você é uma das razões pela quais eu me matei.

É assim que tem início uma das séries mais polêmicas da atualidade. As Treze Razões narra a dramática história da jovem Hannah que, por uma série de infortúnios, acaba tirando a própria vida. Como legado, deixa gravadas sete fitas contando o que e quem foram, para ela, os responsáveis pelo seu sofrimento. Na história, acompanhamos o tímido Clay, que de fita em fita, episódio em episódio vai desvendando, gradativamente, os motivos que levou Hannah a uma ruptura tão radical como o suicídio.

De acordo com a revista *Veja*, na semana de estréia, jovens com menos de 25 anos publicaram mais de 3 milhões de tuítes falando sobre a série. Ainda de acordo com a revista, semanas após a exibição, a quantidade de emails que chegaram ao Centro de Valorização da Vida (CVV) com pedidos de ajuda aumentou 445%. De repente, com a série, o mundo foi sacudido por um assunto que, apesar de não ser nenhuma novidade, ainda é considerado um tabu. Falarei sem pudor: cresce o número de jovens que se matam debaixo de nossos olhos, mas nada vemos. Afinal, o que está acontecendo?

Analisando *Thirteen Reasons Why*, a primeira reflexão que podemos fazer é que a série já começa com um ponto final: Hannah se mata, ponto, não há nada que possamos fazer a não ser nos acomodarmos e seguirmos impotentes e perplexos, junto com Clay, a derrocada dessa jovem. Dessa impotência perante os jovens posso falar da minha experiência com eles enquanto profissional. Nossos jovens cada vez mais falam menos. “Normal”, “sei lá”, “tranquilo”, “não tá acontecendo nada!”, são algumas das

formas que eles respondem aos adultos, levantando verdadeiras muralhas contra quaisquer intervenções. Mas ao perceberem que podem confiar, se tornam os melhores "best friends". Narram suas frustrações, suas malcriações, seus desejos, enfim, expressam melhor do que ninguém o que sentem. Então, é preciso uma reformulação radical na pergunta: são nossos jovens que não falam ou os adultos que não estão mais sabendo escutar? Quando foi que essa muralha foi levantada? E por que não percebemos quando levantados os primeiros tijolos?

A série dá uma pista, ou melhor, um veredicto, os adultos sumiram, evanesceram, desapareceram como num passe de mágica. De um lado, os adultos da escola completamente alheios ao que se passava nos corredores da vida desses jovens. Os professores preocupados mais com o cronograma do que com a essência do que significa "ensinar". O conselheiro, impotente e deslocado, cheio de perguntas sem resposta. E a direção preocupada mais com a escola do que com aqueles que a compõem.

Do outro lado, pais que, das mais variadas formas se excluíam da vida desses filhos. Quem eram os pais de Marcos, aquele garoto preocupado somente com a imagem de representante dos alunos? Onde estavam os pais do Brice, enquanto este dava festas e estuprava sua colegas da escola? Por que a Courtney não conseguia falar que era gay para o casal também gay que a adotara? E a mãe do Justin? Esta, sabíamos onde estava, porém totalmente entregue aos vícios e à promiscuidade, colocando o jovem numa posição mais de fardo do que de filho. Os pais de Hannah nem mesmo sabiam quem eram seus colegas de classe.

Através das lentes, ou melhor, da voz de Hannah é que lentamente vamos enxergando o vazio deixado pelos adultos e é através desse vazio que estes adolescentes vão erigir seu universo particular com regras próprias para esse jogo da vida que pode, como vimos, na série, se tornar muito perverso.

O psicanalista Jacques-Alain Miller escreveu que esses adolescentes, imersos em seu mundo privado, padecem especialmente do individualismo democrático, produto da derrocada da família enquanto porto seguro. A contemporaneidade vem cada vez mais fabricando pais que não sabem ser pais, e filhos que não sabem mais a quem recorrer. A pergunta cada vez mais frequente dos pais "O que eu posso fazer para ajudar o meu filho?", denuncia esse grau de fragilidade, e ganha, da parte dos adolescentes, a

resposta: “Por favor, não diga o que contei aqui aos meus pais!” Isso sinaliza um total descrédito em seus pais como aqueles que estarão lá nos momentos difíceis.

É desse enfraquecimento da base familiar, da derrocada desse porto seguro, que esses adolescentes, desorientados e frágeis, irão se desgarrar para águas profundas desse mar de angústia e é submergindo nesse mar que começam a surgir algumas baleias.

Ao debruçarmos sobre o tema do fenômeno da Baleia Azul, descobrimos a hipótese de que o nome do jogo é uma alusão a este animal que, quando se sente “fragilizado” comete suicídio encalhando em águas rasas. Analisando cuidadosamente os desafios desse jogo, podemos perceber que se trata de um ritual de passagem: os desafios como “desenhar uma baleia”, “talhar na própria pele uma baleia” para, por fim, “ser uma baleia”, nada mais é do que uma forma de expressar a jornada vazia de sentido e significado na qual nossos jovens estão, a cada dia, mais e mais expostos. Uma jornada penosa e solitária, que de tamanha angústia, alguns enxergam no suicídio proposto pelos curadores, a ilusão de um porto seguro que apazigue a angústia que sentem.

“Curadores”. A palavra originária do latim que significa *aquela que cuida* ganha contornos paradoxais traduzindo muito bem a inversão de valores na contemporaneidade cujo resultado é: pais, filhos e escola à deriva nesse mar de angústia.

Então eu acredito que não são somente os adolescentes que estão “Entre as 13 razões e os 50 desafios”, todos nós somos convidados a encarar essas razões e entender de que essência se produz esses desafios. Escuto todos os dias pais e professores que tentam, desesperadamente, conhecer seus filhos/alunos através dos médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, etc. mas poucos que tentam conhecê-los diretamente. Em meio a tantos percalços, pais e professores parecem que perderam o tato, não sabem mais conversar por causa do medo, talvez do que pode ser revelado desse mar.

E nesse momento relembro um provérbio africano que, apesar de clássico, representa um choque a essa cultura individualista que cresce a cada dia: “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”.

É preciso encarar: afinal, de quem é o dever de educar esses jovens? Quem poderá resgatá-los de falsos portos seguros que não levam a nada? Como se constrói

uma aldeia? Os pais são os únicos responsáveis? A Escola? A lei? É possível levantar uma aldeia com cada um no seu celular, quarto ou quadrado?

Uma aldeia, antes de tudo, se constrói com laços, vínculos... presença, conceitos meio deturpados nos dias de hoje, mas que nos são vitais para suportar o sacolejo das diversas ondas que nos atingem dia após dia, pois o mar é incerto e, da praia, nunca sabemos ao certo o que a maré pode nos trazer amanhã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MILLER, J. A. Em direção à adolescência. In: **Errâncias, adolescências e outras estações**. Belo Horizonte: Editora EBP, 2016. p. 19-33.

THIRTEEN REASONS WHY. Brian Yorkey, produzido por Joseph Incaprera (2017), baseada no livro *Thirteen Reasons Why*, de Jay Asher para a Netflix.